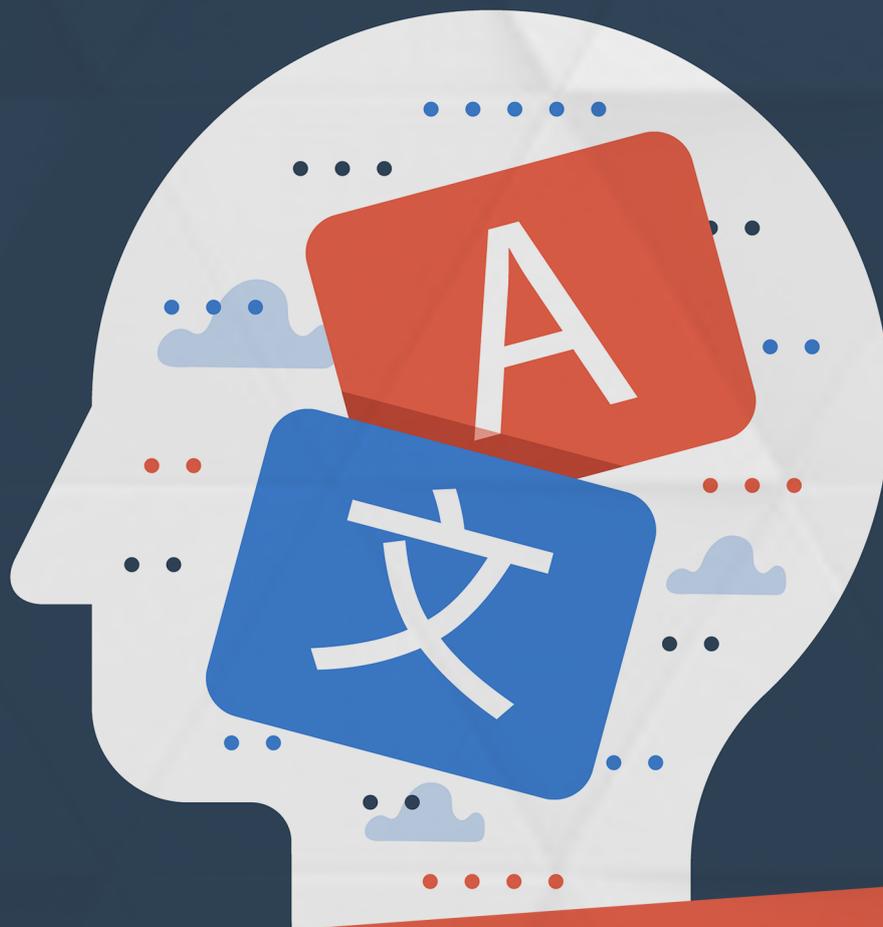


LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora

Ano 2020

LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras: semiótica, linguística e suas vertentes [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-923-3
DOI 10.22533/at.ed.233201601

1. Letras. 2. Linguística. 3. Semiótica. I. Gomes, Angela Maria.
CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em uma definição simplificada, a semiótica revela as formas como o indivíduo dá significado a tudo que o cerca, estudando os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais – Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião... – Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes traz uma seleção de artigos que estudam como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente.

Partindo desde análises de romances - Chão Bruto, quanto ao seu processo de elaboração -; passando pela transposição de elementos literários de Rachel de Queiroz para a visualidade televisiva; poemas como Mal Secreto - a partir da ótica da análise do discurso considerando fatores como o contexto social e histórico em que foi produzido, apontando, numa abordagem inovadora, alguns motivos os quais podem levar alguém a uma vida de aparências e analisar como o poema apresenta uma temática muito presente nos dias atuais: a depressão -; chegamos até a Literatura Amazonense e sua abordagem durante a formação acadêmica.

Os avanços tecnológicos configuram mudanças significativas na linguagem, nessa perspectiva, novas formas textuais emergem e apresentam outras concepções de textos. Aqui encontramos os “memes”, apresentados como gêneros que acrescem a possibilidade de uma leitura dinâmica e participativa por oferecer categorias discursivas e aspectos multissemióticos na sua composição, ampliando assim os estudos linguísticos e discursivos. Enfocando o gênero biográfico, enquanto elemento que legitima expressões e perspectivas dissidentes, discute-se a expressão (auto) biografia - concebida como expressão que permite apreender conjunturas coletivas a partir de óticas individuais.

É notório como a educação ainda enfrenta problemas relacionados à questão da linguagem. Por conseguinte, o professor e a escola desempenham um papel primordial nessa questão, pois são esses os encarregados em fazer com que o indivíduo obtenha um bom aprendizado no seu desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, a formação profissional dos educadores deve estar sempre em evidência para suprir tais demandas. Dessa forma aqui encontramos estudos acerca do desenvolvimento progressivo de docentes, assim como a prática de uma educação inclusiva, tanto no que diz respeito a alunos com deficiência, e mesmo aqueles que vivem em periferias, apresentando a linguagem como uma forma de empoderamento desses indivíduos.

Viver em uma sociedade em letramento requer a competência de concretizar distintas formas de leituras que emergem cotidianamente, assim como práticas pedagógicas que sejam de natureza inclusiva e emancipatória. Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes vem no auxílio dessas reflexões.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRÁTICA INTER-REFLEXIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	
Yuri Andrei Batista Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2332016011	
CAPÍTULO 2	11
ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “MAL SECRETO”, DE RAIMUNDO CORREIA: OS SENTIMENTOS POR TRÁS DAS MÁSCARAS	
Vitória Carvalho dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2332016012	
CAPÍTULO 3	21
ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE MEMES ANTIFEMINISTAS	
Adriana Coelho Freitas Avacy Primário de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2332016013	
CAPÍTULO 4	33
COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DO VOTO VENCIDO DO JULGAMENTO DA ADI 5357	
Bianca Quitéria de Moura Santana Virgínia Colares	
DOI 10.22533/at.ed.2332016014	
CAPÍTULO 5	50
ESPAÇO BIOGRÁFICO: MÚLTIPLAS FORMAS DE ENUNCIÇÃO E PERSPECTIVAS DISSIDENTES	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2332016015	
CAPÍTULO 6	65
LITERATURA E REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL NO ROMANCE <i>CHÃO BRUTO</i> DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.2332016016	
CAPÍTULO 7	77
<i>MEMORIAL DE MARIA MOURA</i> , A MULHER NO FAROESTE-FOLHETIM BRASILEIRO: NOVAS PERSPECTIVAS LITERÁRIAS E TELEVISIVAS DA CULTURA	
Camille Harzig Carradore Dirceu Martins Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2332016017	
CAPÍTULO 8	89
O DISCURSO INCLUSIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL COM UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS	
Jandira Azevedo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2332016018	

CAPÍTULO 9	101
O EMPODERAMENTO POR MEIO DA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE FUTURO OBSERVADA EM TEXTOS ESCOLARES DA PERIFERIA DE BRASÍLIA	
Mara Cristina Santos Freitas Escórcio	
DOI 10.22533/at.ed.2332016019	
CAPÍTULO 10	112
O IMPACTO DA PEC 241/55 NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	
Cíntia Cleane Bonfim Fragoso	
Juan Facundo Sarmiento	
DOI 10.22533/at.ed.23320160110	
CAPÍTULO 11	123
O LETRAMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS NA CIDADE DE MANAUS	
Maison Antonio dos Anjos Batista	
Maridulce Ferreira Lustosa	
DOI 10.22533/at.ed.23320160111	
CAPÍTULO 12	138
REFLEXÕES SOBRE MULTIMODALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL (PBLA): POTENCIALIDADES DA RESSEMIOTIZAÇÃO DE VÍDEOS	
Janaína de Aquino Ferraz	
Glauber Rodrigues de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.23320160112	
CAPÍTULO 13	142
REPÓRTER-PERSONAGEM: FOCO NARRATIVO, SEMIOSE E VINCULAÇÃO NA REPORTAGEM 'A CASA DE VELHOS', DE ELIANE BRUM	
Maria Cecília Costa Braga da Silva	
Ítala Clay de Oliveira Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.23320160113	
SOBRE A ORGANIZADORA	147
ÍNDICE REMISSIVO	148

LITERATURA E REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL NO ROMANCE *CHÃO BRUTO* DE HERNÂNI DONATO

Data de aceite: 13/12/2019

Jesuino Arvelino Pinto

(PNPD/CAPEs – UFG – Regional de Catalão/GO, UNEMAT – Campus de Alto Araguaia/MT)

RESUMO: Este texto objetiva analisar o processo de elaboração do romance **Chão Bruto**, embasando-se em conceitos como: repertório, sobrevivência da forma, imperialismo, múltiplas fronteiras, identidade plural, comunitarismo cultural, propostos por Abdala Junior (2012) e nas discussões de Inocência Mata (2013) acerca da “literatura mundo”. A trama da narrativa, publicada em 1956, desenrola-se em torno do tema da ambição humana e desnuda as situações, complicações e dramas da vida de um grupo social, em um lugar distante da vida urbana, no então “Sertão Desconhecido”, engendrado no interior do Estado de São Paulo do início do século XX. Trata-se da conquista do Extremo Sudoeste Paulista que é retratada por meio da luta sangrenta pela terra entre posseiros e grileiros, dada a valorização da propriedade pela construção da Estrada de Ferro Sorocabana. Sofrendo pressões socioeconômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados,

os protagonistas vivenciam a oposição entre grupos e experimentam situações trágicas, bem como a degradação humana. **Chão Bruto** pode ser considerada uma narrativa regional, neorrealista e literatura de cunho social, porém almeja o geral a partir de um lócus enunciativo, por onde os sujeitos da enunciação acessam o mundo, é a partir da experiência histórica que se configura a dialética entre local e geral, visando não mais reafirmar a construção de uma identidade, mas reconhecer uma “cor local” que não se limita em um espaço, realçando a vulnerabilidade das fronteiras e a multiplicidade dos sertões.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Social. Hernâni Donato. Chão Bruto.

LITERATURE AND HISTORIC-SOCIAL REPRESENTATION IN THE NOVEL *CHÃO BRUTO* BY HERNÂNI DONATO

ABSTRACT: This text aims at analyzing the process of elaboration of the novel **Chão Bruto**, based on concepts such as: repertoire, form survival, imperialism, multiple borders, plural identity, cultural communitarianism, proposed by Abdala Junior (2012) and the discussions of Innocence Mata (2013) about “world literature”. The plot of the narrative, published in 1956, unfolds around the theme of human ambition and exposes the situations, complications and dramas of the life of a social group, in a

distant place of urban life, in the then “Unknown Hinterland”, engendered in the interior of the state of São Paulo of the early twentieth century. This is the conquest of the Extreme Southwest Paulista that is portrayed through the bloody struggle for land between squatters and land grabbers, because of the valuation of property due to the construction of the Sorocabana Railway. Faced with socioeconomic pressures from a capitalist system that enslaves and supports the oppressive relationship between dominators and dominated, the protagonists live the opposition between groups and experience tragic situations as well as human degradation. **Chão Bruto** can be considered a regional narrative, neorealistic and social literature, but it seeks the general from an enunciative locus, through which the enunciation subjects access the world, it is from the historical experience that the dialectic between local and global is configured aiming not to reaffirm the construction of an identity, but to recognize a “local color” that is not limited in a space, highlighting the vulnerability of the borders and the multiplicity of the hinterlands.

KEYWORDS: Social literature. Hernâni Donato. **Chão Bruto**

A proposta deste texto consiste em realizar uma leitura do romance **Chão Bruto**, considerando as questões temporais, espaciais e subjetividade do repertório do autor; visando a apontar no processo de elaboração dos textos a originalidade, que, a partir da reconstrução, da reformulação origina um novo romance.

Candido (1976) atribui à obra a condição de ser fruto da iniciativa individual e de condições sociais, "na verdade ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas" (p. 26). O artista, o criador, orienta sua produção segundo os padrões da época e retira das realizações humanas os temas, estabelecendo relações históricas, políticas, antropológicas, filosóficas. A escritura literária, "depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição" (CANDIDO, 1976, p. 30).

A obra literária traz, portanto, no seu interior, no conteúdo e na forma, valores sociais incluindo-se ideologias e modalidades de comunicação. Finalmente, o público, o concretizador, condicionado também por forças sociais, tem o poder de atribuir sentido a ela e definir seu valor estético, constituindo o sistema literário. Assim, a leitura e a compreensão de um romance demandam que se desentranhem da teia de signos indícios das relações complexas entre o homem e a sociedade.

Considerando que as instâncias da Literatura e da História acentuam a possibilidade de assimilação pela obra literária do contexto histórico em que ela foi produzida, percebe-se que a relação entre ficção e realidade constitui um dado inalienável ao próprio processo de criação artística. A obra é, portanto, uma configuração estética do mundo, criada pelo escritor com base num sistema simbólico de representação do real.

Além da relação entre Literatura e História, que fundamenta o conceito de

representação, deve-se considerar a apropriação da temática histórica pela literatura como um traço recorrente na tradição romanesca. Ao lado da ficção literária que se refere diretamente a situações históricas com o objetivo primordial de criar um efeito do real, como nos ensina Barthes (1988), ou, ainda, de outras produções que apenas situam sua intriga em um determinado contexto histórico; obrigatoriamente colocam-se os romances que tomam uma realidade qualquer do universo histórico e a transformam em sua própria matéria, em parte integrante de sua estrutura, fazendo da realidade histórica uma realidade estética.

O repertório de leitura de Donato foi constituído por leituras de escritores, romancistas e teóricos, como Ignazio Silone, Erskine Caldwell, Ciro Alegria, Victor Hugo, preocupados com temáticas sociais que foram, especialmente, desenvolvidas na literatura brasileira a partir da década de 1930 por meio da prosa de fundo social do modernismo maduro. Este repertório é ampliado pela experiência pessoal.

Ao revisitar a biografia de Donato depara-se com uma experiência peculiar de vida, pela sua origem humilde, pela irregularidade de sua formação escolar e pelas profissões incomuns que o destaca da maioria de seus contemporâneos. Percebe-se a inexistência de limites fronteiriços tanto na vida quanto na produção intelectual de Donato, pois possui publicações nos mais variados campos, da literatura infanto-juvenil à biografia, à historiografia, à pesquisa e à divulgação científica, destacando-se como ficcionista com **Filhos do Destino**, **Chão Bruto** e **Selva Trágica**. O autor viveu e conheceu muitos lugares, exercendo as mais variadas profissões, ocupando muitos cargos, desbravando diversos espaços, um homem de inúmeros ofícios. Tal procedimento de elaboração romanesca assemelha-se ao da produção dos autores neorrealistas que primam por escrever, desenvolver tramas que vivenciaram ou conheceram, mantendo a fidelidade aos fatos a serem reconstruídos. Maquêa (2010) assevera que de "rasgos e vestígios" se constrói a literatura, "empreendida dentro de um conjunto de acontecimentos sociais relacionados à várias histórias que vai da historiografia oficial até as memórias privadas, que se intrincam na formação de uma memória mais ampla, sócia." (MAQUÊA, 2010, p. 51)

A produção literária de Donato é fruto de pesquisa documental e de campo, reflete o conhecimento histórico, social, filosófico e antropológico do escritor. Como resultado de pesquisas e estudos sobre o passado de sua cidade natal, Botucatu/SP, publica, em 1945, **O livro das tradições**. Em seu conjunto, verifica-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem brasileiro circunscrito a um espaço problemático, colando-o à paisagem social e submetendo-o aos rigores das leis que anulam o sonho e a capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. Tal é o teor de **Filhos do Destino**, história do ciclo do café e da chegada do imigrante ao interior do Estado de São Paulo; de **Chão Bruto**, que relata a conquista do sudoeste paulista; e de **Selva Trágica** desnudando os casos ignorados acerca da saga dos exploradores de erva mate (ervateiros) no sudeste mato-grossense. Estes romances têm em comum um eixo social e denunciam a trama das relações que

subjugam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas, localizando-o no centro das lutas de classe.

A história de **Chão Bruto**, publicada em 1956, desenrola-se em torno do tema da ambição e desnuda as situações, complicações e dramas da vida de um grupo social, em um lugar distante da vida urbana, no então "Sertão Desconhecido", engendrado no interior do Estado de São Paulo do início do século XX, "Em torno o vazio dos homens, matas pejudadas de frutos, palmitais sem fim, rios ferventes de peixes, caça grossa, céu rasgado e um silêncio bem pra se comer, dormir, viver" (DONATO, s.d, p. 13). Trata-se da conquista do Extremo Sudoeste Paulista que é retratada por meio da luta sangrenta pela terra entre posseiros e grileiros, dada a valorização da propriedade pela construção da Estrada de Ferro Sorocabana. Nesta luta exalta-se a figura de Capitão Paulo, indivíduo que se apossa de propriedades rurais por meio de títulos falsos e que não hesita em espoliar os antigos posseiros da região.

Na produção neorrealista, o desejo de focar as condições sociais problemáticas era perpassado por uma intenção ideológica que pressupunha a alteração de um estado econômico opressivo. Por isso, o mundo recriado pela obra deveria assemelhar-se o mais possível ao mundo da realidade exterior, o que fez com que a literatura dessa época se reduzisse à parcela que mais interessasse ao escritor, como aponta Bareiro Saguier: "Mas foi uma busca em certa medida falaz. Em si mesmo o critério de 'veracidade documental' adotado representou um engano, porque apresentava uma superfície deformada pela intenção reducionista que cada autor aplicou" (1979, p. 22). Bareiro Saguier assevera que a busca de "veracidade documental" falhou porque não houve a neutralidade pretendida. A escolha desta ou daquela situação atendeu aos interesses do romancista e este procurava selecionar os temas de acordo com sua intenção política.

Antonio Candido, em "Literatura e subdesenvolvimento" (1989), apresenta uma mudança de enfoque na expressão dos elementos mais primitivos da América Latina, passando a se pautar por um senso mais realista, mais humano, elencando problemas sociais e humanos dos grupos menos favorecidos. O que caracteriza a fase de "pré-consciência" do subdesenvolvimento social dos países latino-americanos em relação aos países europeus, uma tentativa de se desconstruir o eurocentrismo. Esta fase pautou-se pela concepção da realidade regionalista como uma instância opressora e motivou o surgimento de textos marcados por certo tom documentário, cuja intenção era promover ações políticas em áreas de subdesenvolvimento econômico. A degradação humana seria, então, o resultado de uma política social excludente. A produção literária do neorrealismo de 1930 não pretendeu apenas "documentar" a situação de atraso social e pouco empenho político, mas levantar os problemas que desencadeavam o atraso econômico nas localidades regionais.

A obra foi rotulada equivocadamente como regional ou neorregional, neorrealista, pois almeja o geral a partir de um lócus enunciativo, por onde os sujeitos da enunciação acessam o mundo, é a partir da experiência histórica que se configura a dialética

entre o local e o geral, visando não mais reafirmar a construção de uma identidade, mas reconhecer uma "cor local" que não se limita em um espaço fixo, realçando a vulnerabilidade das fronteiras e a multiplicidade dos sertões. Embora Donato delimite, espacialmente, a trama de **Chão Bruto** na microrregião sudoeste paulista, ainda no subtítulo é salientada a função pictórica expansionista, ao ser caracterizado como "Romance Mural", ou seja, um painel do confronto entre a civilização e a rusticidade expondo-o ao mundo. Inocência Mata (2013), ao tratar a questão da Literatura Mundo em relação entre as literaturas produzidas em países de Língua Portuguesa e as europeias, em que prevalece uma visão eurocêntrica, enfatiza que a Literatura deve ser concebida como conhecimento de mundo, com um pertencimento que vai além, ousando nas abordagens de Mata (2013), entende-se que na Literatura Mundo não há preocupação em situar, exatamente o que ocorre com a obra de Graciliano e, por que não, com a produção artística de Donato.

A narrativa de Donato desnuda o processo de (re)colonização de um território ainda rústico por meio do acesso ao progresso, que desperta a cobiça de poderosos, primeiro foram desterrados os índios, expulsos por posseiros, constituídos por emigrantes, conquistando por força de persuasão a terra, com o sucesso financeiro e político de alguns, tornam-se grileiros, avançando as demarcações de suas terras, configurando-se os latifundiários. Este processo configura-se o que se entende por sobrevivência da forma (ABDALA JR., 2012), o poder muda de sujeito que passa a se comportar como o opressor de outrora, de seu país de origem que o obriga ao exílio, ou dos padrões que os receberam.

O poder é conquistado pelo Capitão Paulo, grileiro, na ânsia de posse, de poder, de riqueza e de prestígio, age rudemente contra aqueles que relutam em reconhecer a sua força, o seu (des)mando. Em **Chão Bruto**, a referência geo espacial está muito bem engendrada com o perfil do Capitão Paulo que, acionado pela astúcia e ambição, não faria outra coisa a não ser lançar os olhos e o desejo sobre tão poderoso empreendimento: conquistar mais terras. O espaço marcadamente simbólico está em relação de conformidade com a trajetória prática e imediatista do Capitão Paulo. Há nisso tudo uma relação coesa, de forte atração entre o espaço e o comportamento da personagem.

Laura, por ser a esposa do Capitão Paulo, está, involuntariamente, ligada à terra, "nervosa e intimidada, arrancada aos confortos da capital" (DONATO, s.d, p. 32). Os cinco anos que passou ao lado do marido não foram suficientes para Paulo conquistar-lhe o coração. Casou-se por interesse porque não queria ser como tantas outras que conhecia. Laura vive um conflito existencial: ama a riqueza, mas odeia a atitude do marido em relação à conquista de terras. Embora no mundo em que vive, riqueza e terra sejam coisas inseparáveis. A firmeza obstinada de Laura como mulher fiel e dedicada ao marido é empecilho para que se atire nos braços de outro. Não tem no sangue e nas atitudes a dissimulação necessária para lançar-se em aventuras. Enviuvando, casa-se com Rui.

A protagonista é apresentada sob a ótica de diferentes personagens completamente opostos na narrativa. Na perspectiva do Capitão Paulo, conquistá-la significa conquistar um pedaço de terra, "um pouco com bons modos e outro pouco à força. Tinha e não tinha a terra e a mulher (...) Trouxera-a como marido, desejava-a como amoroso. Espiritualmente, não a possuía nunca"(DONATO, s.d, p. 32). Laura é o objeto de desejo e de posse do Capitão. O amor que ele sente por ela a dignifica: "Adorava a sua mulher" (DONATO, s.d, p. 32). Mas a reação da esposa, sempre pronta a esquivar-se das investidas do marido, reforça a figura autoritária do esposo. Paulo, voltado para a ação, não tem tempo a perder com reflexões, não pode entender o drama íntimo de sua esposa.

Nesse espaço restrito, Laura está sufocada e impedida de reagir. Resignada, reluta a se entregar totalmente ao marido, revelando-se impotente para um rompimento definitivo. Sob o prisma de Rui, Laura é caracterizada sob como uma "mulher fácil" para a conquista e está intimamente ligada ao desejo da posse da propriedade do Capitão Paulo. Rui muda seu sentimento por Laura e sente-se arrependido do julgamento anterior que fizera, demonstrando seus sentimentos,

Rui curvou-se e sentiu no rosto a respiração compassada da adormecida. Foi quando o desejo avolumado dentro dele se fez ternura, vontade de ser apenas bom e remorso de haver medido e pesado aquela doce e bela mulher pelos alqueires que o nome e o corpo dela valiam. (DONATO, s.d, p. 149).

Mas, é pelo monólogo interior, quando o discurso da narrativa introduz o leitor diretamente na vida íntima desta personagem, que a verdadeira Laura surge, revelando seus sonhos, suas ambições, suas intenções e momentos depressivos por se encontrar deslocada de seu ambiente, apesar da certeza de ser invejada por muitas.

A protagonista feminina, Laura, constitui-se um estereótipo da mulher burguesa, de origem urbana e deslocada de seu meio. Manteve-se inalterada em sua caracterização psicológica, uma personagem romântica, em uma longa espera pelo amor, mesmo casada há cinco anos com o Capitão Paulo, troféu de mais uma conquista, muitas vezes comparada com a terra. Se ocorresse a transformação, recusando-se, criticando e se rebelando contra a violência praticada em prol da posse de terras, Laura deixaria de ser a esposa ideal para o propósito de Rui, soaria como uma nota falsa na harmonia do conjunto, ela também está nas malhas da continuidade.

A caracterização individualizada das personagens, em **Chão Bruto**, é realizada por um narrador em terceira pessoa que se mantém como mediador. Algumas personagens foram caracterizadas para atender às contingências da história. A personagem do dominador, centralizada em Paulo, necessita, por exemplo, dos capangas, que atenderão às suas ordens de comando. Estas são as figuras que não escolhem e não são livres para agir.

São o que são, sem apresentarem o contraste entre aparência e realidade, próprio da realidade diegética em que são apresentadas sem disfarces, sem máscaras.

Submissas a um "destino" que as coloca à margem de uma vida feliz ou, pelo menos, mais consciente, são de uma natureza que se pode chamar de forte e fraca ao mesmo tempo. E nesta ambiguidade reside uma grande ironia: na fraqueza da obediência é preciso ser forte para executar a contento as ordens do senhor. Não devem temer: matar ou morrer e, conseqüentemente, a vida vale quase-nada.

Já no título, **Chão Bruto** faz referência direta ao espaço, os termos que o compõe devem ser vistos, primeiro, separadamente, sem se distanciar do enredo. "Chão" significa lugar, solo, terra em que se pisa; e, "bruto" é um qualificativo que remete a rude, tosco, violento, termo que restringe a identificação do lugar. "Chão Bruto", portanto, indica o espaço onde as ações violentas acarretarão infortúnios e desgraças fatais. Só não se pode imaginar, sem que se leia o livro, é que esse chão é sinônimo de vida, de cores, de água e de fertilidade. É o paraíso aberto, onde "o vento corre apressado, rompendo favas, despetalando flores, derrubando cachos" (DONATO, s.d, p. 49). Nega-se, contudo, este paraíso quando se instaura a presença da personificação: "Bruto", mas não é o chão e, antes, o próprio homem circunscrito a esse espaço edênico, marcado pela violência e um poder destrutivo, que se qualifica de modo negativo. Para Santos (2013, p. 7) **Chão Bruto** pode ser compreendido como uma alegoria "dos confrontos entre a civilização e a barbárie, da permanência do atraso, da limitação das ações e da opressão que caracterizam um mundo rural incivilizado".

A narrativa de Donato tem seu início determinado pelo espaço geográfico, delimitado pela ambição exacerbada pela valorização de terras. Nesta trama, a relação do espaço com o tempo histórico é evidenciada a partir do delineamento de dados históricos como o período de Jorge Tibiriçá como governador do Estado e o avanço da Estrada de Ferro Sorocabana no início do Século XX, "apareceram homens que aprofundaram e disciplinaram a trilha nos campos e alargaram a picada no mato. O caminho ficou sendo a "estrada boiadeira". Começava na barranca do Paraná e terminava em Botucatu..." (DONATO, s.d, p. 14).

Na literatura, é comum o espaço caracterizar personagens, informar sobre o seu modo de ser, de pensar, sua inserção social. Michel Butor (1974) menciona especificamente que os móveis no romance, não desempenham um papel "poético" de proposição, mas de reveladores, "pois tais objetos são bem mais ligados à nossa existência do que comumente o admitimos" (p. 54). Na simbologia que integra a composição de **Chão Bruto**, destacam-se quatro signos que estão carregados de representatividade: terra, punhal, mapa, noite. São vocábulos que se repetem ao longo da narrativa, mas de uma forma a não se revelarem como artifício aplicado intencionalmente pelo autor. Aparecem como se fossem parte intrínseca do contexto temático. No texto literário, um conjunto de signos postos em relação, convida o leitor a olhar a palavra em suas diferentes nuances significativas. Octávio Paz (1982) também enfoca o que denomina de "mundo das referências e dos significados relativos".

A "terra" é o signo em torno do qual se estrutura todo o romance. É a palavra-

chave por estabelecer relações com todo o conjunto em análise: foco gerador de significâncias contextuais. Princípio feminino gerador, que deveria ser o lugar seguro da bem-aventurança, a terra transforma-se, na narrativa, contrariamente ao arquétipo da mãe-terra, no princípio de todos os males: o chão bruto. Hernâni Donato faz dela personagem central de sua história, marcada pela opressão e violência, sem, contudo, tirar-lhe a concepção de natureza paradisíaca, edênica. É nela e por ela que os homens lançam-se uns contra os outros e dão vazão à sua cobiça. A terra constitui, portanto, o motivo central da obra, o poder representado pela sua posse justifica os desmandos dos grileiros, "A ânsia de posses passou a ser febre. Um vento maluco começou a fazer mal à cabeça dos que possuíam terras, dos que desejavam possuí-las." (DONATO, s.d, p. 74), cobiça justificada pela valorização das terras pela chegada de um ramal da estrada de Ferro Sorocabana.

Além de representar, graficamente, a prova ou a intenção da conquista, o "mapa" tem o poder de projetar em seu proprietário, Paulo ou Rui, um sentimento de satisfação maior que qualquer outro que pudesse ser proporcionado por uma escritura de posse a um homem sedento de poder: a sensação de domínio do mundo, "Ergueu a cabeça e viu o mapa colado ao muro. Em cores vivas as terras que já eram suas. Em tonalidades diluídas as que ambicionava possuir. Em branco as terras possuídas por outros homens. Não havia nenhum outro como ele." (DONATO, s.d, p. 214)

No local dos acontecimentos - O "Sertão Desconhecido -, apenas uma criatura culturalmente "superior" poderia dar valor a um mapa e a um punhal artisticamente trabalhado. Nesse sentido, os vocábulos "mapa" e "punhal" adquirem novos significados; representam, simbolicamente, cultura e posição social. O Capitão Paulo, assim como Rui, seu sucessor, era, apesar de tudo, um homem requintado se comparado aos demais, esses resquícios de civilização os diferenciam, dotando-os de poderes e influências naquele território. O domínio se concretiza pelo intelecto, pelo conhecimento da linguagem, que estabelece a relação hegemônica e imperialista naquele território. (ABDALA JR, 2012)

As tocaiais e emboscadas, que levam à posse de terras e a nova demarcação no mapa, são realizadas no período noturno. O vocábulo "noite" tem significações que vão além do fator temporalidade. A noite é cúmplice das fatalidades engendradas pelos homens. Tem o poder de ocultar as intenções e os atos mais sórdidos, na mesma proporção em que pode revelar os segredos mais íntimos do estado de alma. É também o momento das expansões de sentimentos de angústias dos capangas e, principalmente, das mulheres, "A noite anterior fora melancólica, dolorida pela saudade de alguma coisa." (DONATO, s.d, p. 156).

O poder emerge nas mãos de quem detém o "punhal" e, ao mesmo tempo, de quem detém o conhecimento e Laura. A princípio, o Capitão Paulo manipulava-o com o mesmo ímpeto com que comandava seus capangas: "Mas o modo como olha (...) as mãos grandes de dedos bem cuidados que esgrimem o punhal com ostensiva habilidade, conservam intacta a sua autoridade" (DONATO, s.d, p. 19). No

ato inconsciente da ira ou na manifestação consciente do desejo de expansão das conquistas, o punhal marca presença na mão de seu dono, que o movimentava no ar, ou o aponta para o mapa conferindo os desejos de posse. O punhal está relacionado a uma manifestação de poder, de domínio e de comando. Dois homens se utilizaram dele na narrativa; após a morte de Paulo, Rui apropria-se do punhal e passa manipulá-lo com semelhante ímpeto e intenção. No mapa preso à parede, o punhal assinala o desempenho específico de sua função, "O punhal saltou da mão direita para a esquerda, resvalando num dedo mas logo dançarinava entre o médio e o indicador, com uma apressada gota de sangue correndo para a ponta da lâmina." (DONATO, s.d, p. 198)

O romance de Donato contém várias retrospectivas, a história se inicia com forte dose de tensão no relato, permeado de alucinações e divagações, de Lino, um dos capangas do Capitão Paulo, saído de uma tocaia. O drama não é apenas o da morte encomendada, mas também da consciência e do arrependimento do capanga, em meio aos seus devaneios, surge a imagem do "sassafrás" e da "caneleira", que o remete às memórias da infância, sempre associada à felicidade, à vida em família, às festas e naquele momento tão próximo da morte, ocorre uma alternância entre o passado, retomado na figura da mãe e das irmãs e o presente, tenso, na proximidade da morte "Como é que a gente pode tocar alguém quando se lembra de sua mãe?!" (DONATO, s.d, p. 11), daí o arrependimento de estar naquela situação, e depois da ação concretizada sente os sobressaltos durante o sono da madrugada e não consegue controlar os soluços e lágrimas.

Lino resolve transgredir as ordens do Capitão em nome do amor e constituir o núcleo familiar de resistência ao Capitão: Lino, Libêncio e Sinhana. O amor que Lino sente por Sinhana, filha de Libêncio, é o motivo que levou o ex capanga do Paulo a rebelar-se contra o patrão. Lino estava incumbido de expulsar pai e filha das terras em que viviam. Depois de momentos de angustiantes suspeitas, indecisão e aflições para todos, o jovem apaixonado alia-se ao velho pai da moça na defesa da terra. Este grupo representa a primeira expressão de revolta contra a força dominante, são conscientes do que os aguarda por parte do Capitão Paulo, mas não sabem que unidos provocariam a primeira alteração no desenrolar dos acontecimentos. A constituição de um forte de resistência representa a administração da diferença (ABDALA JR., 2012), com cada grupo social em seu espaço pré-determinado a ser respeitado, desde que não invada, nem ameace a harmonia do outro.

O Capitão Paulo pode ser descrito como uma personagem "imobilizada por uma cultura" (p. 45), imobilizado por uma cultura burguesa centrada na propriedade, não é o mesmo herói das narrativas tradicionais, como Ulisses, que tem obstáculos a transpor e ainda deve retornar ileso de suas peripécias. Capitão Paulo é o próprio obstáculo. Um final trágico anula seu sonho de envelhecer ao lado de Laura na casa que estava sendo construída, que se constitui a utopia de novos e melhores tempos, assumida por Rui, que após sua morte, herda sua vida, assumindo propriedades, inclusive Laura.

Assim, Capitão Paulo tem o seu "outro" presentificado em Rui.

A caracterização de Rui, apesar do nome da personagem já sugerir "ruína", vai se construindo, sorratamente, no percurso narrativo até adquirir uma dimensão expressiva; surge como um mero advogado, homem de confiança, que veio da capital para cuidar da escrituração das propriedades do Capitão Paulo, sua ação é irrisória no início da narrativa. A revelação do caráter de Rui é gradativa: ora pela construção da personagem declarada pelo narrador, "sem andar gingando, sem espora, botas e revólver. Este sobe desenvolto e rápido, limpo e perfumado como ela não supunha que um homem pudesse fazer-se" (p. 69); ora pela caracterização feita por outras personagens, "- Chama-se Rui. Disseram que é danado de bom nessas coisas de escrita e que não tem a consciência dura." (DONATO, s.d, p. 35); ora por suas ações que despertam a desconfiança de Capitão Paulo, "Se não estivesse de partida e a partida não fosse tão urgente, mandaria de volta o rapaz. É eficiente demais, manso e polido em excesso - não pode ser um homem como o ser viço precisa!" (DONATO, s.d, p. 79)

Fica claro que Rui veio para algo muito além de cuidar das escrituras, suas intenções vão se revelando a partir de sua inserção no cerne da estrutura de vida do Capitão. Por várias vezes, narrador e personagem revezam-se na exposição discursiva e deixam, no conjunto, um rastro de indícios que fazem prever e antecipar eventos da narrativa, "Também Rui é como aquela noite – um aviso de tempestade." (DONATO, s.d, p. 134).

No último capítulo do romance, esta personagem aparece totalmente transformada e identificada com o meio: Rui usa botas, revólver na cintura e conhece os problemas de Paulo. O Capitão morto não é mais empecilho para ele alcançar seus objetivos. Rui desempenha o mesmo papel que Paulo e, conseqüentemente, assume o comando da violência, personificando de modo assustador a postura de Paulo. Começa a falar em "alqueires" e contrata homens "de pouca fala e dedo ligeiro" (DONATO, s.d, p. 202). As perseguições recomeçam com a ponta do punhalzinho traçando uma risca nova para além de suas terras conquistadas com sua união com Laura. A história vai se repetir. Não tem mais o amor de Laura, que agora espera um filho e depois de conhecê-lo sem as máscaras, passa a dedicar-se apenas à expectativa do nascimento do filho.

A morte do Capitão Paulo é compatível com a lógica do enredo: morreu por sua própria força, como deve morrer qualquer um que vier depois dele. É um fato que dá margem ao processo de continuidade do romance, a ambição impulsionada pelo Hegemonia do Capitalismo garante à restauração e sobrevivência da forma. (ABDALA JR, 2012). A transformação de Rui em um homem de comando e força, espelhando-se no seu antecessor, é o elemento necessário de que se vale a obra para garantir o princípio de enredo cíclico, a condição básica de sua estrutura. O desfecho diegético como ponto final é apenas aparente e momentâneo: Capitão Paulo representa o futuro de Rui; e Rui revitalizará o passado de Paulo.

Tudo se harmoniza com o interesse das personagens pelos acontecimentos, interesse este que exprime por meio de atitudes visivelmente contrárias como a compulsão e a contemplação, modificando as suas narrativas, submergidos por aspectos do espaço: natural, cotidiano, social. Na trama das relações sociais nesse espaço de espoliações e conflitos de várias ordens, paira sobre os protagonistas a expectativa de que sempre algo terrivelmente trágico vai acontecer, "Ninguém respira livremente por ali, faz quatro ou cinco anos..." (DONATO, s.d, p.133)

O embate entre os dois maiores grileiros da região Paulo e Juventino, é a explosão desse estado latente de tensão entre espaço e personagem, mas também pode ser considerada apenas uma trégua para o recomeçar de outro tempo, que tem em Rui o novo "líder": A composição do ambiente concretiza-se pela relação entre espaço e personagens, todos, por sua vez, ligados pela ação. É no espaço e pelo espaço, configurado como "chão", transformado em objeto de desejo, que ocorrem as ações violentas gerando infortúnios para todos. É o discurso do narrador e das personagens, vale dizer, as expressões que traduzem sentimentos e decepções sobre o espaço, que constrói a tensão dramática. Da ambientação de **Chão Bruto**, caracterizada por ações externas e pela revelação do pensamento da personagem, resulta a atmosfera densa da narrativa.

O espaço de **Chão Bruto** delinea o espaço edênico, natureza paradisíaca que atua sobre o homem, mas não para oprimi-lo. Se há infortúnios, estes não são atribuídos à geografia acidentada, ao emaranhado da mata onde o homem tem que vencer desafios para sobreviver. As personagens não lutam contra as pressões da natureza, estão vinculadas à terra com a mesma intensidade com que uns se prendem aos outros. Esse espaço, uma espécie de mundo encantado, torna-se a arena na qual são colocadas forças absolutas e antagônicas.

Em **Chão Bruto**, a linguagem rústica do homem do campo coaduna com o lirismo da narrativa, que por nada fora obstruído, ao contrário, acentuou-se. É um romance que se vê comprometido com a manutenção de um estilo que mescla o sentido do verossímil a partir do aproveitamento de uma linguagem colorida da fala de um contador de história, muito cultivada pelos ficcionistas de 1930, impactantes aos leitores, mas ainda se preserva como uma prosa que se deixa envolver pela magia das palavras e o romantismo discreto da gente simples do "Sertão Desconhecido".

REFERÊNCIAS

ABDALA JR. Benjamin. **Literatura comparada & relações comunitárias hoje**. São Paulo: Ateliê editoria, 2012.

_____. **Literatura, história e política** - literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê editoria, 2007.

BAREIRO SAGUIER, Rubén. Encontro de Culturas. In: FERNÁNDEZ MORENO, César (Coord.). **América Latina em sua literatura**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BARTHES, Roland. O efeito do real. In: . **O rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BUTTOR, Michel. **Repertório**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade** - estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: . **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. (p. 140-162)

DONATO, Hernâni. **Chão bruto**. São Paulo: Hucitec, s.d. (Círculo do Livro).

MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente**: literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

MATA, Inocência. Literatura-mundo em português - encruzilhadas em África. In: **Anuário de Literatura Comparada**, 3, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, (p. 103- 118).

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Robson dos. O Rural e as Narrativas da Limitação - Estudo sobre o Romance Brasileiro (1942 e 1964). **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional**, UEPB - Campina Grande, PB, 08 a 12 de julho de 2013, Disponível em http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434459366.pdf. Acesso em 20 jun. 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

Angela Maria Gomes - Licenciada em Letras; Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) e Coaching em Desenvolvimento Profissional.

Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa.

Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal.

Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr.

Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”;

Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cógnito, assim como instrutora de formação continuada para professores na Sem Fronteiras Tecnologia para Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise crítica do discurso 33, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 111
Análise do Discurso de Perspectiva Francesa 11
Aparências 11, 15, 16, 17, 18, 19
Atores sociais 101, 103, 104, 105, 106, 111

C

Chão Bruto 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76
Cinema 64, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88
Colaboração 1, 2, 3, 4, 5, 9, 114
Colonialidade 33, 34, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 61, 62

D

Decisão judicial 33, 47
Depressão 11, 12, 18, 19, 20
Discurso 2, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 70, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 100, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 113, 139

E

Educação Básica 112, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 129, 134
Educação inclusiva 33, 34, 36, 37, 38, 42, 47, 48, 92, 99
Eliane Brum 142, 143, 145
Empoderamento 28, 101, 102, 110, 111
Espaço Biográfico 50, 54, 55, 56, 58, 59, 63
Estudantes com deficiência Visual 89, 90, 93, 94, 96, 97, 99
Excluídos 18, 50, 60, 62, 120

F

Faroeste 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87
Feminismo 21, 22, 28, 29, 30, 31
Foco narrativo 82, 142
Formação continuada 1, 3, 9, 147
Formação docente 1, 5, 6, 9
Formação do Professor 2, 99, 123, 124

H

Hernâni Donato 65, 66, 72

J

Jornalismo literário 142, 143, 144, 145, 146

L

LE 1, 112, 116

Letramento 89, 91, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 135

Letramento literário 123, 124, 126, 127, 128, 129, 135

Língua Espanhola 112, 116, 117, 118, 120, 121, 122

Linguística 1, 8, 9, 11, 21, 24, 27, 33, 38, 49, 50, 53, 54, 65, 77, 89, 90, 99, 101, 103, 105, 111, 112, 115, 116, 118, 122, 123, 138, 142, 147

Literatura Amazonense 123, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Literatura Social 65

M

Mal Secreto 11, 12, 14, 15

Maria Moura 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88

Memes 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Minissérie 77, 78, 80, 81, 85, 86, 87

Mulher 28, 29, 30, 31, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 109

Multimodalidade 21, 22, 24, 28, 32, 138, 139, 140, 141

P

PEC 241/2016 112

Pessoa com deficiência 33, 34, 35, 36, 41, 43, 48, 91

Políticas de identidade 50, 60, 61

Prática discursiva 21, 23, 26, 27, 30, 31, 38, 41

Prática inter-reflexiva 1, 5, 6, 7, 9

R

Raimundo Correia 11, 12

Recursos tecnológicos 23, 89, 93, 95, 98, 138

Repórter-personagem 142, 143

Representação de futuro 101, 107

Ressemiotização 138

S

Sociolinguística interacional 138, 139, 140

T

Texto multimodal 21, 24, 25, 138

V

Vídeos 25, 138, 139, 140

Vinculação 22, 142, 143, 144, 145

